

ANNO XII

FLORIANOPOLIS, 8 DE AGOSTO DE 1901

N. 214

INTERIOR

Anno. 20000
Semestre. 12000

PAGAMENTO ADEANTADO

REPUBLICA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO CATHARINENSE

II. Envio 100 rs.

Typographia e redacção: rua João Pinto, n. 26—A

REDATOR-CHEFE—JOSE BONTEUX

FLORIANOPOLIS
Anno. 120000
Semestre. 90000
Trimestre. 50000
PAGAMENTO ADEANTADO

A MENSAGEM

Toda a mensagem está incada de inconveniências, de disparates, de manifestações da impudicência do administrador. Em nenhum outro posto, porém, parece ter Felipe Schmidt se evidenciado tanto quanto na parte que diz respeito a eleitos.

Os empíricos inquietos que urdiam nas trevas a trama da fraude, não o fizeram procurando corromper, ou perturbando a ordem, disseram a mensagem. A obra desse homem consistiu em destruir por meios mais inconfessáveis, a verdadeira expressão do voto popular. Ele que maneira não o se houve? O administrador di que vilas quissem formar uma opinião que as urnas só poderiam manifestar de um modo consensual com o posterior apelo do sufrágio que os eleitores tinham ido nelas depositar. Desseja-nos mimizar alegar o administrador que a justa apuração não se mostrava feita nos resultados?

Foi eximido a custo em que esse trabalho se mathe fiscalidade pelo governo. O conveniente da polícia da S. José enxeriu a voz das críticas e não apresentou provimento algum. A custo foi pacificada.

O constitutivo governante ali convive e viveu tudo. O presidente de ambos concordou no divergente quanto à organização da justiça, a princípio, e por último à aprovação da constituição da Nova Veneza. Antes de iniciar os trabalhos, o presidente perguntara a um deles que ordena se devia seguir a aprovação das autenticas. Foi da mesma pista e tal, opinou, Pereira e Oliveira. Aparado o Tabajará, pensamento municipal, nele abrigou questo houve. Quando se chegou ao ultimo, porém, era mesmo conselheiro que havia indicado o critério a seguir-se, accusou a voz de ser, oh! coragem! diante para o final as autenticas que deciam de terceiro, elle que era. Deixou essa verdem! Não avançou por uns a acta.

“que se não indicasse sua última autenticação como justificativa de seu procedimento, essa justificativa não mais seria encontrada, pois que os trabalhos estavam conclusos”

Quisemos desvirtuar o sufragio legítimo, é o que contra nós allega a mensagem?

Era tal caso, essa declaração é cínica, porquanto, tendo o governo procedido a uma segunda aparição em que existiu, da primeira, divergência uivamente quanto ao terceiro, elle desvirtuou completamente no reconhecimento de poderes e mesmo suffragio, re-

conhecendo deputados que não haviam sido diplomados pela sua

Se houve quem, repitamos a maldade, quis forjar uma opinião que as urnas só podiam manifestar de um modo consensual com o júiz sagrado do sufrágio que os eleitores tinham nelas depositar, esse foi Lauro Müller que, em 26 de dezembro, data do rompimento, dirigido a HERCILIO LUIZ e por nós já publicado em edição de 29 do mesmo mês, allegava que ambos tinham hora empolgada nessa reunião e que confiava na nossa acção!

Em segundo despacho afirmava que o resultado conhecido do escrutínio contristava os amigos. Ainda uma vez appellava para a pronta acção do chefe do príncipe AFIM INHA MANTIDA CHAPA NOSSA. Manteve esse chape depois de acorrendo a derrota! Em terceiro despacho, já em resposta, disse que era impossível querer outra. Então podia, sem rebuço, encorajadamente, que Hercilio Lui-

zinho PERDIDA AMBOS MUNICÍPIOS para garantir independência da CHAPA III

A independência Litter Müller. Se alguma coisa alguma errava, foi díla, vi mais nela vez a plena clareza, procurando forjar uma opinião que as urnas só poderiam manifestar de um modo consensual com o júiz sagrado do sufrágio que os eleitores tinham depositado.

Sim, porque HERCILIO LUIZ mantendo o resultado legítimo das urnas, respondeu a Lauro Müller: “Resultado mesmo, fazendo Coritiba, Campos Novos. Derrotá se re-apresentarão devidamente temos que garantir o sufragio que os eleitores tinham depositado”

Sim, porque HERCILIO LUIZ mantendo o resultado legítimo das urnas, respondeu a Lauro Müller: “Resultado mesmo, fazendo Coritiba, Campos Novos. Derrotá se re-apresentarão devidamente temos que garantir o sufragio que os eleitores tinham depositado”

Não é impunemente que se costuma a ar.

O jornal oficial, em edição de ante-hontem, disse saber que os nossos ilustres amigos e chefe b'americanos depõeram Pedro Fedderen e Luis Abry davam o seu apoio ao governo de Felipe Schmidt, mantendo apenas para com o eminente chefe republicano senador Hercilio Lui desfereça de amigas pessoas que são.

A despeito de não passar isso de uma parvoice, nós repelimos a tópe inimicato oficial que só constitue uma injuria aquelas características independentes e honradas.

O BALAO DIRIGIVEL

Não pôde restar mais devidas sobre o invento do nosso eminente compatriota Alberto Santos Dumont. A dirribabilidade dos aeronautas é uma verdade hoje.

Como era natural, esse invento apixonou todos os espíritos e nas diversas discussões que surgiram foram postas em dúvida as qualidades de dirribabilidade e resistência do balão, especialmente estando perturbada a atmosfera.

Santos Dumont declarou no Aero-Club que estava pronto a

segurar com a sua aeronave um rumo que lhe fosse traçado e a descer nologas previamente indica-

do um tempo contrário, o velho patrício fez a aeronave.

O vento forte desviou, no primeiro momento que se levantava, o balão, empurrando-o de encontro a uma árvore: o balão desequilibrou-se por um momento, continuou a subir. A duzentos metros de altura, o motor, que havia sido posto violentamente em acção por causa do primeiro incidente, desarranjou-se por se ter exquentado demasiadamente um tubo; o engenheiro brasileiro não sentiu por isso a necessidade de descer; foi parar por um momento a máquina, regulando a estabilidade do balão por meio das valvulas do gas: costurou o motor e, quando o pôs em condições de funcionar normalmente, retomou a marcha interrompida, percorreu em quinze minutos a distância que lhe havia sido indicado e, apesar de vento contrário, desceu tranquilamente no local que lhe havia sido indicado.

O socio do Aero Club e milhares de cidadãos presentes fizeram-lhe uma verdadeira ovacão.

O engenheiro brasileiro considerava todos os seus opositores.

Nós nos congratulamos por esse invento que traz para nossa pátria justa celebridade.

BALANÇO POLÍTICO

NECESSIDADE DE UMA REFORMA CONSTITUCIONAL

III

o original que serviu de modelo para o presidente dos Estados Unidos é manifestamente um rei que tem liberdade de copiar tradições e que dirija activamente o governo executivo. Babeton insiste sobre este facto que a grande lacuna apparente no mecanismo oficial da política inglesa é o esquecimento do governo da Inglaterra por uma comissão tirada da legislatura e que se institui gabinete. E esse previsamente o modo de governo ao qual Jorge III recusou submeter-se. É os fundadores da constituição americana adoptaram comodamente as ideias de Jorge III sobre as atribuições da realma. Entregaram ao presidente todo o conjunto do poder executivo e não permitiram a seu ministério, nem sentirem-se, nem abrirem a boca, em qualquer dos ramos da legalidade.

Provado assim, é evidência, que o governo de um povo, para garantir a ordem e incrementar o progresso, deve ser a expressão viva do carácter nacional e que o regime parlamentar, bem como o presidencial, em sua forma específica, são plantas exóticas, que só nos habitam em regiões bem conhecidas, só nos resca, para completar o nosso pensamento

e justificar amplamente a necessidade de uma modificação em nosso aparrelho de governo, a fim de evitar-se o excessivo individualismo, como força política, não existe, visto com não havendo o sentimento de solidariedade, não havendo também associações políticas e nem grandes partidos. O poder se desloca facilmente, concentra-se to do executivo e dá rigem à ditadura política. Foi o que se deu no período.

O regime parlamentar se transformou ainda dos ouvidores, dos capitães-móres, dos governadores-gerais, dos vice-reis, do absolutismo desbravado das autoridades, das exigências do fisco e da tutela grossaria e feror, em que vivemos durante todo aquele longo e penoso período, que foi de um verdadeiro captiveiro e que durou em nós todo o sentimento de independencia, todo o espírito de iniciativa, toda a coragem cívica.

Fizemos a nossa independencia e entramos no império, recebendo de importação o regime parlamentar, que funcionou por mais de sessenta annos. Por fim, descendentes e desanimados com um regime que nada fazia e que ia pouco a pouco degradar e que, por isso, corrompendo os costumes e cavando cada vez mais o abysmo de nossa miseria moral, fizemos a revolução de 15 de novembro, que derrubou o império e proclamou a Republica, recebendo igualmente de importação o regime presidencial.

Dali decorre necessariamente, como já dissemos, a transformação do regime presidencial em franca ditadura política.

O que é preciso, portanto, fazer em um país como o nosso, em que o individuo é nada e o Estado é tudo? Enfraquecer de certo modo o executivo e fortalecer os indivíduos. Se o individuo fosse forte, a federação por si bastava e resolvia o problema, garantindo o equilíbrio do sistema. Dadas, porém, as condições do nosso carácter nacional e tendo em vista os nossos antecedentes históricos, é bem de ver se o equilíbrio ha de ser fatal e o aparelho político ha de viver em constantes oscilações, conforme o tampeamento do individuo que ocorre a cada presidente.

Foi por isto que eu propus a modificação aconselhada por Story Achon, conveniente e proveitosa, uma vez que venha acompanhada de outras reformas que tenham por fim fortalecer o individuo, tais como garantia das leis e os direitos dos direitos de revisão, de petição, de liberdade de imprensa e de tribunais, sobretudo, garantia real efectiva do direito e da liberdade de voto. Acredito que só assim a republica poderá nobilitar o cidadão, regenerar o carácter nacional e fazeando a grandeza e a prosperidade da patria.

Em meu primeiro artigo fiz a justificação moral da necessidade da reforma, procurando pôr com facilidade o grau de nossa miseria social. Fui salvo e “posso esperar nos meus processos e leis de certo modo meus preconceitos, mas não tive ouro intuito senão despertar a consciência nacional e fazer um colectivo apelo aos republicanos para salvarem a Republica do abuso em que se vai precipitando.

Fago hoje a justificação política da mesma reforma, com os grandes ensinamentos da psicologia política e entregue-me sem reservas ao julgamento de meus concidadãos. Não fizemos a revolução de 15 de novembro para dar a ditadura presidencial. Não fizemos a Republica para derrotar a ditadura de Pedro II e erguer a ditadura de Jorge III.

Com tais elementos de carácter bem se comprehende que o individuo é nada em face do Estado, que será tudo. ora, o regime parlamentar, que é a concentração

do poder no parlamento e que supõe como cheque, por parte do executivo, o poder de dissolução e invadir-se e nele arrastar, em um país como o nosso, em que o individualismo, como força política, não existe, visto com não havendo o sentimento de solidariedade, não havendo também associações políticas e nem grandes

partidos. O poder se desloca facilmente, concentra-se to do executivo e dá rigem à ditadura política. Foi o que se deu no período.

E' igualmente o que se está dando com a Republica. O regime presidencial, em sua forma pura, é a concentração do poder no executivo. Para contrabalançar esse poder e atingir certo ponto impedir ou dificultar as suas tentativas de obstrução, temos a federação, que é a garantia da autonomia dos Estados e dos municípios. Falta-nos, porém, o individualismo e com elle os partidos políticos, que é o outro cheque indispensável às expansões naturais do executivo.

Dali decorre necessariamente, como já dissemos, a transformação do regime presidencial em franca ditadura política.

O que é preciso, portanto, fazer em um país como o nosso, em que o individuo é nada e o Estado é tudo? Enfraquecer de certo modo o executivo e fortalecer os indivíduos. Se o individuo fosse forte, a federação por si bastava e resolvia o problema, garantindo o equilíbrio do sistema. Dadas, porém, as condições do nosso carácter nacional e tendo em vista os nossos antecedentes históricos, é bem de ver se o equilíbrio ha de ser fatal e o aparelho político ha de viver em constantes oscilações, conforme o tampeamento do individuo que ocorre a cada presidente..

TODOS. Anoiteço: muito bem, isto é a pura verdade...

ORADOR (continuado). Quando, senhor presidente, gregos e troianos sabem que nós aqui representamos tristíssimo papel; que o verbo ganhar que conjuga-se na primeira, segunda pessoa do singular e a terceira do plural do presente do indicativo, assim: eu ganho, tu ganhas e elles ganham quatro centos e cinquenta palavras por m...

TODOS. Anoiteço: muito bem, isto é a pura verdade...

FANTOCHE (com forca). Começo, senhor presidente, a sentir-me que a discussão não pode encerrar-se dia logo...

FANTOCHE. Cet trop fort. Je suis votre serviteur.

Eu quero falar, senhor presidente, mas confesso mesmo que não sei bem o que é essa cosa que v. exa. chama verbo; só conheço o verbo ganhar que conjuga-se na primeira, segunda pessoa do singular e a terceira do plural do presente do indicativo, assim: eu ganho, tu ganhas e elles ganham quatro centos e cinquenta palavras por m...

FANTOCHE. Alto!... que uma voz mais prietosa aquela se levanta. Isto não é comigo, pois si eu observo que esta cosa que v. exa. chama verbo; só conheço o verbo ganhar que conjuga-se na primeira, segunda pessoa do singular e a terceira do plural do presente do indicativo, assim: eu ganho, tu ganhas e elles ganham quatro centos e cinquenta palavras...

PATACADA. Como quanto isto entra no conhecimento de todos, e collect que não deve dizer o.

FANTOCHE (com forca). Começo, senhor presidente, a sentir-me que a discussão não pode encerrar-se dia logo...

TODOS. Nem todas as verdades se dizem...

FANTOCHE. Alto!... que uma voz mais prietosa aquela se levanta. Isto não é comigo, pois si eu observo que esta cosa que v. exa. chama verbo; só conheço o verbo ganhar que conjuga-se na primeira, segunda pessoa do singular e a terceira do plural do presente do indicativo, assim: eu ganho, tu ganhas e elles ganham quatro centos e cinquenta palavras...

PATACADA. Muito bem: de acordo, quem fala a verdade não deve descontar na diária...

PRESIDENTE. Não interrompa o orador, meu senhor, de maneira nenhuma...

PATACADA. Muito bem: de acordo, quem fala a verdade não deve descontar na diária...

CONGRESSO PHOSPHORICO
12 HORAS E 50 MINUTOS. O PRESIDENTE AGITA A CAMPANHA VÃO ENTRANDO... DE BARIGA DO PHOSPHORICO. A BOIADA DA SERRA. A EXCEÇÃO DA FOGOSIDADE DO CESTANO, ENTRA MANHOSAS RUMANDO DE CRATO ALGUMA INDICAÇÃO DE PESAR.

PRESIDENTE. Esta aberta a sessão, visto ter-se verificado pela chamada haver número; algumas das senhoras que querem soltar o verbo é arriscar-los em quanto o vento sona do nosso lado.

FANTOCHE. Levantando-se e saindo, senhor presidente...

VITAL (aparte). Que vergonha. UM OUTRO. Ele é bom: é da minha força, estudou comigo na escola preparatória do Campo de Férias, onde os alunos almejaram a favor.

PRESIDENTE. Previno aos senhores que a discussão não pode encerrar-se dia logo...

FANTOCHE. Cet trop fort. Eu quero falar, senhor presidente, mas confesso mesmo que não sei bem o que é essa cosa que v. exa. chama verbo; só conheço o verbo ganhar que conjuga-se na primeira, segunda pessoa do singular e a terceira do plural do presente do indicativo, assim: eu ganho, tu ganhas e elles ganham quatro centos e cinquenta palavras...

TODOS. Nem todas as verdades se dizem...

FANTOCHE. Alto!... que uma voz mais prietosa aquela se levanta. Isto não é comigo, pois si eu observo que esta cosa que v. exa. chama verbo; só conheço o verbo ganhar que conjuga-se na primeira, segunda pessoa do singular e a terceira do plural do presente do indicativo, assim: eu ganho, tu ganhas e elles ganham quatro centos e cinquenta palavras...

PATACADA. Começo, senhor presidente, a sentir-me que a discussão não pode encerrar-se dia logo...

O collega sabia que dizer “ai que é cosa que se come?” Este é o que fala aqui cada paternoster e que põe a mesa em cima de usar o site de Tânia...

DR. PIMENTA. V. ven. não é o que chama chimica, não conhece meu aparelhos...

DR. BISCUTI. É uma pedida quadratura levada à ultima possibilidade...

PATACADA. Muito bem: de acordo, quem fala a verdade não deve descontar na diária...

PRESIDENTE. Não interrompa o orador, meu senhor, de maneira nenhuma...

PATACADA. Muito bem: de acordo, quem fala a verdade não deve descontar na diária...

PRESIDENTE. Não interrompa o orador, meu senhor, de maneira nenhuma...

PATACADA. Muito bem: de acordo, quem fala a verdade não deve descontar na diária...

PRESIDENTE. Não interrompa o orador, meu senhor, de maneira nenhuma...

PATACADA. Muito bem: de acordo, quem fala a verdade não deve descontar na diária...

